

RELATO DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT

Envelhecimento Humano e os cursos de Psicologia

Human Aging and Psychology courses

Patrícia Di Francesco Longo

RESUMO: O presente artigo aborda a questão de como os profissionais da área da Psicologia estão sendo preparados diante do envelhecimento humano e da inversão da pirâmide populacional no Brasil e no mundo. O estudo é de abordagem qualitativa; analisou o discurso de coordenadores de cursos de Psicologia localizados no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, objetivando compreender como e com que frequência ocorre a inserção da temática nos currículos. Constatou-se que os cursos investem pouco nos estudos sobre o envelhecimento.

Palavras-chave: Psicologia; Velhice; Formação em Psicologia.

ABSTRACT: *This present paper approaches the issue of how the Psychology professionals are being prepared considering the human aging and the inversion of social pyramid in Brazil and in the world. In this qualitative study was analyzed the speech of Psychology's courses coordinators located in south of Brazil, having as a main goal understand how and how often occurs the insertion of these topics in the study program. It was noted that the courses invest a little on aging studies.*

Keywords: *Psychology; Aging; Psychology training.*

Introdução

Em estudo realizado no ano de 2004, Neri afirmou que os cursos de Psicologia não investem na área do envelhecimento humano, bem como não incentivam os futuros psicólogos a compreenderem melhor a velhice. O presente artigo surgiu da necessidade de verificar se a afirmação de Neri (2004) continua uma realidade. Ponderando tal afirmação e levando em consideração o tempo transcorrido entre a sua publicação e o presente artigo, outros questionamentos surgiram. Entre eles: como e com que frequência o envelhecimento humano e a velhice são estudados dentro dos cursos de Psicologia?

Os estudos em torno do envelhecimento humano e da velhice vêm crescendo e são de extrema importância, uma vez que, no Brasil, observa-se nas últimas décadas, uma redução significativa na participação da população com idades de até 25 anos e aumento no número de idosos. Essa diferença se torna mais evidente se compararmos as populações de até quatro anos de idade e acima dos 65 anos. De acordo com dados do IBGE (2010), o país tem 13,8 milhões de crianças de até quatro anos e 14 milhões de pessoas com mais de 65 anos. A nova realidade aponta para uma inversão na pirâmide demográfica tanto em termos quantitativos, como em relação à tendência de crescimento da longevidade.

O envelhecimento humano é um processo considerado multidimensional e multidirecional, ou seja, é um processo complexo que necessita de estudos interdisciplinares para ser compreendido dentro de toda a sua amplitude e profundidade; desse modo, evidencia-se a necessidade de a área de conhecimento da Psicologia estudar tal fenômeno com mais profundidade (Neri, 2001). Todavia, o estudo do envelhecimento humano pela Psicologia é considerado relativamente recente, pois só ocorreu paralelamente ao envelhecimento populacional, a partir do século XX, juntamente com o envelhecimento dos cientistas que haviam desenvolvido as principais teorias sobre a infância e a adolescência (Neri, 2006).

Assim como o estudo do envelhecimento humano é recente para a Psicologia, a própria psicologia no Brasil é considerada contemporânea, uma vez que, só foi regulamentada como profissão no ano de 1962, através da Lei n.º 4119. Contudo, antes mesmo de sua regulamentação, a prática profissional em torno da Psicologia já era exercida no Brasil, através de áreas como a medicina, a pedagogia e outros campos disciplinares. As práticas psicológicas difundidas por estes profissionais foram importantes para a posterior regulamentação da profissão (Mancebo, 2004).

Desde então, o papel do profissional psicólogo tem sido discutido e criticado a partir de diversos ângulos, evidenciando, dessa maneira, a necessidade de se refletir sobre, e de se conhecer melhor, esta profissão (Bettoi & Simão, 2000). Uma das principais bases da Psicologia praticada no Brasil tem se centrado mais no indivíduo e pouco no âmbito social (Cambaúva, Silva & Ferreira, 1998). Segundo Batomé (2006), a Psicologia brasileira ainda não conseguiu se questionar sobre qual é a Psicologia que a população brasileira realmente precisa.

Ressalta-se que as críticas que apontam para fragilidades na formação profissional da Psicologia não são exclusividade desta profissão, pois as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação apresentam, em muitos casos, um descompasso com a realidade do mundo social e do mercado de trabalho. A sociedade é dinâmica e muitas mudanças ocorrem de modo acelerado, dificultando a atualização tanto das diretrizes curriculares, quanto dos professores e pesquisadores, responsáveis pela formação de novos profissionais no ensino superior (Lisboa & Barbosa, 2009).

Em se tratando dos alunos dos cursos de Psicologia, estes parecem apresentar uma percepção deficiente sobre as possibilidades de atuação dos profissionais psicólogos (Batomé, 2006). Dessa forma, a Psicologia parece, muitas vezes, distanciar-se dos contextos históricos e culturais nos quais se processam os fenômenos de interesse para a área (Scarparo & Guareschi, 2007).

Nessa perspectiva, acredita-se ser imprescindível a ampliação de estudos e pesquisas que avaliem a realidade dos projetos pedagógicos e das matrizes curriculares que vêm formando os profissionais da Psicologia, uma vez que esses estudos devem abarcar também a área do envelhecimento humano, a partir do modo como os conteúdos, atividades extracurriculares e campos de estágio contemplam ou não a complexidade do processo de envelhecimento humano. Acredita-se que o envelhecimento humano seja uma das etapas do desenvolvimento que se torna cada vez mais proeminente, corroborando, desse modo, com os indicadores populacionais, em referência mundial e nacional, os quais apontam para um crescimento irreversível da população idosa e o aumento na sua expectativa de vida, em detrimento dos referentes às crianças e jovens.

Na área de Psicologia, esta temática ganha espaço, principalmente no campo do desenvolvimento humano, justamente por levar em consideração estudos que vão desde o aspecto físico-motor até o afetivo-emocional durante todo o ciclo vital da pessoa (Bee, 1997),

e abrange várias teorias. Entretanto, neste artigo serão abordadas somente duas: a de Erikson e a teoria *lifespan*, por ambas abrangerem o processo do desenvolvimento até a velhice.

Erikson foi um dos primeiros cientistas a considerar que o desenvolvimento da personalidade ocorre durante toda a vida da pessoa, baseando sua teoria no princípio epigenético e enfatizando também o campo cultural. Afinal, para Erikson, cada fase do desenvolvimento seria organizada pela cultura e a experiência de cada pessoa e, de acordo com este autor, o desenvolvimento ocorre em oito fases psicossociais, sendo que cada fase envolve um conflito, baseado em uma questão central e que, na resolução positiva de cada um deles, o ego sairia cada vez mais fortalecido (Cloninger, 1999).

Ainda, de acordo com Erikson (1998), as fases seriam: 1) Confiança *versus* desconfiança (que ocorre no primeiro ano de vida e é baseada nos cuidados parentais, e sua resolução sadia traria o predomínio da confiança); 2) Autonomia *versus* vergonha e dúvida (na qual a autonomia deve prevalecer, porém com certa quantidade de vergonha e dúvida); 3) Iniciativa *versus* culpa (que ocorre entre os quatro e cinco anos e é relacionada diretamente à sexualidade, tendo como objetivo desenvolver a consciência moral, o superego); 4) Produtividade *versus* inferioridade (que vai da infância até a puberdade e o seu principal objetivo é fazer a criança obter o reconhecimento, produzindo coisas); 5) Identidade *versus* confusão de identidade (ocorre na adolescência e traz na sua resolução uma força do ego, conhecida como fidelidade); 6) Intimidade *versus* isolamento (ocorre na primeira fase da vida adulta e tem como resultado a capacidade de fusão psicológica com outra pessoa); 7) Generatividade *versus* estagnação (diretamente relacionada ao interesse em estabelecer e orientar a próxima geração); e 8) Integridade *versus* desesperança (esta diretamente ligada à velhice).

A oitava e última crise do ego, relatada por Erikson, a da integridade *versus* desesperança, aponta a necessidade de, na velhice, a pessoa recapitular, avaliar e repensar a sua trajetória de vida. Ao realizar esta tarefa, de uma maneira satisfatória, a pessoa terá um ego mais íntegro, ou seja, terá uma maior significação para a sua vida dentro de uma ordem social mais ampla: passado, presente e futuro (Papalia & Olds, 2000). Erikson acreditava que o velho somente conseguiria a integridade de seu ego através da aceitação da morte e de sua iminência. Desse modo, a pessoa seria menos temerosa à morte e conseguiria ver a sua vida com mais alegria. No entanto, essa aceitação nunca seria completa e sempre viria com um pouco de desespero (Bee, 1997).

Na análise das oito crises mencionadas acima, percebe-se a visão de Erikson a respeito da importância do Ser Humano: um ser social e contínuo, em que cada fase influencia a posterior. Sendo assim, um dos principais aspectos da teoria de Erikson é afirmar que a personalidade não é fixada na infância e que pode ser parcialmente modificada por experiências posteriores, ou seja, a cada crise a personalidade vai se adaptando (Erikson, 1998).

Enquanto Erikson percebia o Ser Humano como um ser social e contínuo, Baltes, um dos principais autores a enfatizar em sua teoria o desenvolvimento ao longo de toda a vida (*lifespan*), compreende o envelhecimento como um processo contínuo, multidimensional e multidirecional (Neri, 2006).

A teoria *lifespan* leva em consideração o estudo da constância e mudança de comportamento dos Seres Humanos ao longo da vida e tem caráter ontogenético, ou seja, acredita na mudança e constância do comportamento desde a concepção até a morte, e o seu se baseia na dinâmica e contínua interface entre o crescimento (ganho) e declínio (perda). Sendo assim, esta teoria leva em consideração as mudanças previsíveis do envelhecimento humano, sejam elas: de natureza genético-biológica (graduadas por idade), psicossociais (determinadas pelos processos de socialização e influências graduadas pela história) e as influências não-normativas (alterações que não podem ser previstas por influência de agendas biológicas e sociais) (Baltes, 1987).

Essas mudanças ocorrem de modo multilinear e descontínuo, o que permite que as pessoas sejam diferentes entre si. Entretanto, os teóricos do desenvolvimento e envelhecimento, ao longo da vida, acreditam que, apesar das diferenças ocorridas durante o processo, na velhice, as pessoas estarão mais dependentes dos processos culturais, porém, menos responsivos a sua influência (Neri, 2002).

Baltes agrega a sua teoria, a respeito do desenvolvimento *lifespan*, a teoria de Seleção, Otimização e Compensação (SOC), a qual busca enfatizar um modelo teórico de envelhecimento bem-sucedido, no qual, a seleção se refere à especificação e diminuição de alternativas permitidas pela plasticidade individual, sendo que a otimização está ligada à aquisição, aplicação, coordenação e manutenção de recursos internos e externos, envolvidos no alcance de níveis mais altos de funcionamento e a compensação, diretamente ligada à adoção de alternativas para manter o funcionamento, visando ao desenvolvimento bem-sucedido ou adaptativo (Neri, 2006).

Dulcey-Ruiz (2010) enfatiza a necessidade de os profissionais da Psicologia se preocuparem com o processo de envelhecimento, com as condições da velhice, e perceberem este processo como uma construção cultural, que ocorre ao longo da vida. Evidencia-se, dessa maneira, a importância de se completar a teoria *lifespan*, para que ocorra uma diminuição das diferenças entre o funcionamento biológico e as metas socioculturais, principalmente durante a velhice.

Na década de 1980, a Psicologia precisou se reinventar para dar conta de um novo mercado de trabalho, que apontava para a necessidade de atuação deste profissional, ultrapassando a Psicologia Clínica e Organizacional. Era necessário pensar no Ser Humano inserido em um mundo com sua própria cultura e realidade social (Bock, 1999). A temática do envelhecimento humano e da velhice deve incentivar mais uma transformação dentro da Psicologia, que é a de estimular a união das principais ênfases trabalhadas atualmente nos cursos (Psicologia clínica; organizacional e do trabalho; escolar e social) para que, deste modo, possa se compreender melhor o fenômeno do envelhecimento em toda a sua complexidade, uma vez, que as teorias do desenvolvimento, por si só, não estão sendo suficientes para isso.

Método

O estudo teve como modelo a pesquisa qualitativa, por possibilitar ao pesquisador o trabalho com um imenso universo de significados, motivos, crenças, e valores, permitindo, desse modo, que o mesmo encontre resposta a questões muito particulares (Minayo, Neto & Gomes, 1994). A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada, a qual objetivava compreender o histórico do curso de Psicologia dentro da instituição; as ênfases do curso; a frequência e o modo como a temática relacionada ao envelhecimento humano é abordada dentro do curso.

A presente pesquisa foi realizada em duas etapas: na primeira, foram realizadas entrevistas com os coordenadores dos cursos, as quais tiveram como objetivo compreender os tópicos acima mencionados; e, na segunda, foi realizada a análise de conteúdo, que envolveu as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados obtidos e interpretação dos mesmos, conforme proposta por Gomes (1996).

Este estudo se delimitou à fala dos coordenadores dos cursos de três instituições de ensino superior de Psicologia da região Norte do estado do Rio Grande do Sul. O critério para a escolha da amostra foi o de conveniência, no qual se levou em consideração a relevância dessas instituições de ensino no âmbito regional e, também, por serem as escolhidas pela maioria dos universitários desta região. A pesquisa teve como ponto de partida a fala dos coordenadores dos cursos selecionados em razão do papel central que os mesmos ocupam no desenvolvimento e execução dos respectivos projetos pedagógicos e, acrescenta-se, ainda, o fato de que, em princípio, os mesmos devem dominar e orientar o desenvolvimento dos conhecimentos globais do curso que coordenam.

O roteiro da entrevista seguiu as orientações de Scarparo (2000), ao ser construído de uma forma que permitisse o seu ajuste com a demanda do entrevistado e os tópicos que compunham a entrevista (histórico do curso de Psicologia dentro da instituição, as ênfases do curso, a frequência e a forma como a temática do envelhecimento humano e da velhice são abordadas dentro do curso) foram apresentados aos entrevistados e permitiram que falassem tranquilamente sobre os temas propostos (Martins & Bicudo, 1989).

Os coordenadores dos cursos foram convidados a participar da pesquisa, por meio de uma carta-convite, a qual foi entregue em mãos pelas autoras do estudo e, com o aval dos participantes e do comitê de ética em pesquisa, foi iniciada a coleta de dados. Antes de serem realizadas as entrevistas, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que teve por base a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata da participação de pessoas na pesquisa e que já havia sido previamente validado pelo comitê de ética em pesquisa da UPF.

Resultados e Discussão

O primeiro ponto analisado foi o histórico das instituições que participaram da pesquisa, uma vez que os cursos de Psicologia estudados foram criados em contextos históricos diferentes: o primeiro tem 34 anos; o segundo, onze anos; e o terceiro, sete anos. E, de imediato, constatou-se que o tempo de vida de cada curso influencia diretamente na construção de um determinado modelo de formação profissional. O histórico dos cursos também foi analisado durante a pesquisa, uma vez que é necessário compreendermos os

contextos históricos e culturais dos quais estes cursos fizeram parte durante a sua formação, para melhor compreendermos quais foram os motivadores da sua criação.

Percebeu-se também que o número de disciplinas trabalhadas nos cursos, que têm como temática o envelhecimento humano e a velhice, é pequeno, uma vez que a referência é a de um curso que tem como duração média cinco anos e, normalmente, são ministradas de seis a sete disciplinas por semestre. Os cursos de Psicologia que aqui serão tratados como Alpha e Beta têm apenas uma disciplina relacionada com a temática do envelhecimento e velhice, enquanto que o curso Gama possui quatro disciplinas para trabalhar a mesma temática. A justificativa para esse fato parece vir da própria coordenação dos cursos, os quais tendem a enfatizar mais uma área da Psicologia do que outra. Contudo, não podemos deixar de mencionar que o curso da instituição Gama é coordenado por um professor que teve sua dissertação de mestrado focada na temática do envelhecimento humano e da velhice.

Os cursos pesquisados tiveram diferenças na sua origem, enquanto o curso Alpha teve como motivador principal para a criação do curso o desejo do futuro corpo docente, como podemos ver na fala do coordenador: *“(...) na verdade, era um desejo de vários professores a ideia de ter aqui um curso de Psicologia, na região foi o primeiro, então, eu acho que, bem interessante a ideia”*, o curso Beta teve como motivador: *“O curso foi pensado devido à demanda regional, que tinha e, na medida em que a universidade se ampliava, o curso de Psicologia era um dos cursos que estava previsto no projeto pedagógico institucional (...)”*. O curso da instituição Gama foi o que teve um início diferenciado dos demais e, de todos, foi o único que teve a sua origem posterior a um curso de especialização na área. O que é evidenciado na fala do coordenador: *“(...) o processo de constituição do curso de Psicologia. Então, nesse primeiro momento nós oferecemos curso de pós-graduação na área de psicologia clínica”*.

Após entendermos a criação dos cursos, foram investigadas as ênfases que estes cursos possuem. Através das falas dos entrevistados, pudemos compreender que os cursos parecem ainda priorizar a prática clínica, muito comum e incentivada nos anos do governo militar (1964 a 1985) (Cambaúva, Silva & Ferreira, 1998). Este fato é corroborado pelas falas dos coordenadores dos cursos Alpha, Beta e Gama, respectivamente: *“(...) as ênfases em três áreas básicas que são: psicologia clínica, a psicologia escolar e a psicologia social e do trabalho”*; *“(...) é a ênfase de Psicologia e processos clínicos e a ênfase de psicologia e práticas sociais e institucionais”* e *“(...) envolvendo as duas ênfases que nós já tínhamos*

estabelecido anteriormente que são Psicologia Clínica e Psicologia Institucional e Organizacional”.

Conhecendo o histórico do curso e suas ênfases, a entrevista passou a ser focada no envelhecimento humano e na velhice. Nesse ponto, foi questionado aos entrevistados sobre como a temática do envelhecimento humano e da velhice é abordada no curso de Psicologia; as respostas nos levaram a um denominador comum: “(...) *quando a gente fala de Psicologia do desenvolvimento, uma delas está focada no... no envelhecimento humano (...)*” – coordenador do curso Alpha; “(...) *Dentro de algumas disciplinas, principalmente na disciplina de desenvolvimento, né, que a psicologia do desenvolvimento (...)*” – coordenador do curso Beta; e “(...) *uma disciplina que nós chamamos de Psicologia do Desenvolvimento III que ela é voltada diretamente para o estudo do Envelhecimento Humano*” – coordenador do curso Gama.

Não obstante, o coordenador do curso Beta afirmou: “(...) *realmente assim, no curso uma disciplina mais específica sobre o envelhecimento não tinha e não tem ainda, tá? Embora as discussões vão acontecendo sempre em diferentes disciplinas (...). Na Psicologia, eu acho que por um bom tempo essa não foi uma preocupação e agora a gente tem sentido que é importante.*” O coordenador do curso Gama parece corroborar com o do curso Beta ao mencionar: “*Pela tamanha importância que tem o tema, nós teríamos que explorar mais porque nenhuma instituição hoje no Brasil, ela supre a sua integralidade a todos os temas que são relevantes no mercado de trabalho*”.

Os cursos de Psicologia, incluindo a parte teórica, são compostos por uma parte prática e, pensando nisso foi questionado aos coordenadores dos cursos sobre a existência de um espaço de prática profissional que tivesse como objetivo o ato de o acadêmico trabalhar com a população envelhecida. Por meio das falas do coordenador do curso Alpha: “*Olha assim, em termos de estágio o que, que a gente diz? Por exemplo, na clínica a gente recebe muitas pessoas, bem nesta faixa etária, não seria o único foco (...). Nas empresas, eu acho assim, que eles trabalham mais algumas questões, assim, de qualidade de vida, de aposentadoria, de um planejamento*”; do coordenador do curso Beta “(...) *estágios de observação no Lar dos idosos, por exemplo, que já mais de uma vez alguns estagiários tiveram esta possibilidade (...)* Esse ano, nós acompanhamos o grupo de terceira idade... *Tinha oito acadêmicos do curso que participavam e eu os acompanhava e aí, nós fazíamos assim também, encontros... O objetivo era trabalhar a questão da estimulação cognitiva...*”; e do coordenador do curso Gama: “*No estágio a abordagem principal é a ênfase voltada para*

as questões familiares, o resgate da família, a relação que este idoso mantém com a família o porquê que ele está no asilo, o porquê que ele está em uma casa de idoso, o porquê que ele não está com a família. A gente faz toda esta ponte entre o idoso que está institucionalizado e a família que o institucionalizou”. Com isso, percebeu-se que nenhuma das três instituições possui um estágio voltado inteiramente para a velhice e para o envelhecimento humano.

Conclusão

Os cursos de Psicologia tiveram diferentes motivadores para a sua criação. Contudo, o curso da instituição Alpha parece não ter levado em conta a real necessidade da implantação de um curso de Psicologia na sua cidade e região; este fato confirma a fala de Scarparo e Guareschi (2007), a respeito da dificuldade que os cursos de Psicologia possuem em se aproximar da realidade social e cultural dos seus objetos de estudo: os Seres Humanos.

Considerando que o curso previamente citado tem mais de 30 anos e já passou por diversos momentos histórico-culturais, deveria rever suas ênfases e repensar a Psicologia ensinada aos seus acadêmicos.

Batomé (2006) menciona a dificuldade que os graduandos em Psicologia têm em perceber todas as possibilidades de atuação relativas a sua formação profissional. Sendo assim, acredita-se que grande parte dessa deficiência ocorra por currículos e ênfases, ambos, estagnados, existentes ainda em alguns cursos de Psicologia, os quais esqueceram seus objetos de estudo e das mudanças por eles sofridas.

As ênfases dos cursos parecem ainda priorizar a prática clínica. Do mesmo modo que, no Brasil, tardou a se perceber dos aspectos sociais da sua população, os cursos de Psicologia estão demorando a enfatizar esta temática em sala de aula. Desse modo, a velhice ainda é pouco trabalhada no âmbito social, prevalecendo, então, o olhar institucional sobre a velhice. Ou seja: o olhar sobre o velho que vive em Instituições de Longa Permanência; o olhar organizacional que enfoca principalmente questões relacionadas ao processo de aposentadoria e a prática clínica que, por sua vez, é pouco procurada pela população envelhecida.

O envelhecimento humano e a velhice, propriamente dita, aparecem nos cursos de Psicologia, dentro da disciplina de Desenvolvimento Humano e, na maioria das vezes, dividindo a cadeira com a temática da adultez (adulto jovem, adulto e adulto velho).

Considerando a abrangência da temática e a sua complexidade, o espaço destinado a ela dentro dos cursos ainda é bastante restrito.

Os cursos das instituições, aqui chamadas Beta e Gama, aparentam trabalhar mais com esta temática do que o curso da instituição Alpha. Na instituição Beta, é perceptível que o trabalho com a questão do envelhecimento humano é decorrente de iniciativa dos próprios professores que, na maioria dos casos, demonstram um interesse individual em trabalhar com esta temática. No entanto, o termo velho ou idoso ainda é mascarado por estereótipos como os relacionados à terceira idade.

Somente na instituição Gama, esta temática parece estar sendo mais abordada e já faz parte de quatro cadeiras no decorrer do curso. Nesta instituição, a temática parece ser tratada com a importância que necessita; afinal, segundo a entrevista do coordenador do curso Beta, apesar de a temática ser trabalhada em diferentes cadeiras (por iniciativa dos professores), incluindo a de desenvolvimento humano, não existe espaço nessas cadeiras, nem mesmo para apresentar e discutir com os alunos o Estatuto do Idoso.

Acredita-se que estudos desta natureza possam ser realizados em outras instituições de ensino que oferecem cursos de Psicologia, para que se tenha um diagnóstico mais amplo em relação ao espaço que o processo de envelhecimento humano ocupa nos projetos pedagógicos, e que abordagens vêm sendo priorizadas a respeito desses conteúdos, principalmente por ter sido o ano de 2012, o do cinquentenário da Psicologia como profissão: seria um momento propício para questionar as práticas dos psicólogos e rever a formação acadêmica dos futuros profissionais da área.

A partir de outras pesquisas, será possível comprovar se este aparente descaso dos psicólogos com a temática da velhice ocorre somente nesta região do Rio Grande do sul, ou se é comum a outros estados brasileiros.

Referências

- Baltes, P.B. (1987). Theoretical Propositions of lifespan developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Development Psychology*, 611-626.
- Batomé, S.P. (2006). Comportamentos profissionais do psicólogo em um sistema de contingências para a sua aprendizagem. Brasília (DF): *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2(2), 171-191.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre (RS): Artmed.

- Bettoi, W. & Simão, L.M. (2000, jun.). Profissionais para si ou para outros? Algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos. Brasília (DF): *Psicologia: ciência e profissão*, 20(2), 20-31.
- Bock, A.M.B. (1999, dez.). A psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. Natal (RN): *Estudos de Psicologia*, 4(2), 315-329.
- Cambaúva, L.G., Silva, L.C.D. & Ferreira, W. (1998, dez.). Reflexões sobre o estudo. Natal (RN): *Est. Psicol.*, 3(2), 207-227.
- Cloninger, S.C. (1999). *Teorias da personalidade*. São Paulo (SP): Martins Fontes.
- Dulcey-Ruiz, E. (2010). Psicología social del envejecimiento y perspectiva del transcurso de la vida: consideraciones críticas. Bogotá (Colômbia): *Revista Colombiana de Psicología*, 19(2), 207-224.
- Erikson, E. H. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre (RS): Arte Médicas.
- Gomes, R. (1996). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: Minayo, M.C.S. (Org.), Deslandes, S.F., Cruz Neto, O. & Gomes, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, 67-80. Petrópolis: Vozes.
- Lisboa, F.S. & Barbosa, A.J.G. (2009). Formação em Psicologia no Brasil: Um perfil dos cursos de graduação. Brasília (DF): *Psicologia, ciência e profissão*, 29(4), 718-737.
- Mancebo, D. (2004). Formação em psicologia: gênese e primeiros desenvolvimentos. *Mnemosine*, 1(0), 53-72.
- Martins, J. & Bicudo, M.A.V. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo (SP): Moraes.
- Minayo, M.C.D.S., Neto, O.C. & Gomes, R. (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Neri, A.L. (2001). *Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas (SP): Papyrus.
- Neri, A.L. (2002). Teorias Psicológicas do Envelhecimento. In: Freitas, E.V.D. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 32-45. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara.
- Neri, A.L. (2004). Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 1(1), 69-80.
- Neri, A.L. (2006, jun.). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. Ribeirão Preto (SP): *Temas em Psicologia*, 17-34.
- Papalia, D.E. & Olds, S.W. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas Sul.
- Scarparo, H. (2000). *Psicologia e pesquisa: perspectivas metodológicas*. Porto Alegre (RS): Sulinas.
- Scarparo, H.B.K. & Guareschi, N.M.D.F. (2007). Psicologia social comunitária profissional. Porto Alegre (RS): *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 100-108.

Recebido em 20/05/2013

Aceito em 20/06/2013

Patrícia Di Francesco Longo – Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano. Universidade de Passo Fundo (UPF).

E-mail: pattylongo@hotmail.com